

CORPOS MUTANTES, CULTURA DINÂMICA: ACERCA DO ADVENTO DAS PRÓTESES E PROLONGAMENTOS

Anderson dos Santos Paiva*
Milena Nascimento Leite**

Resumo: A presente pesquisa tem por foco a análise das transformações empreendidas pelo homem através da extensão da sua corporeidade por meio de uma divisão categórica que convencionamos chamar de próteses e prolongamentos. Para tanto analisamos textos dos teóricos da cultura como Renato Barili, até os pesquisadores da semiótica, como Lúcia Santaella, buscando o estabelecimento de uma ótica capaz de dar conta das reconfigurações que incidem sobre o corpo humano e da sua nova configuração estética na contemporaneidade. Assim são traçadas as linhas que definem o espaço da tecnologia tanto na adaptação do meio ambiente às suas necessidades quanto da adaptação da sua imagem às novas visualidades que se instauram no plano da tecnologia, da cultura e das relações sociais.

Palavras-chave: Corpo; Cultura; Próteses, Prolongamentos.

INTRODUÇÃO

Conceitos são amplamente criados e difundidos para um domínio sobre as coisas e sua compreensão a respeito de uma adequação a determinada estrutura classificatória e operativa que traduz, no ato da nomeação, o sentimento de posse outorgado ao homem pela entidade divina e suprema segundo a ótica criacionista da gênese bíblica. Esse direito mítico de sobrepor-se a natureza vem, contudo, em paralelo a uma capacidade inata ao homem de invenção.

Somos a todo momento surpreendidos por nossa própria capacidade inventiva que povoa o mundo com máquinas e criações das mais diversas e ampliam e dimensionam nossas faculdades intelectivas perante a dinâmica da cultura que transforma a dicotomia homem-natureza em um emblema da finalidade última da tecnologia. Coisas e conceitos, no entanto, formam um corpo único que demonstram a capacidade humana de linguagem e de invenção. Tais capacidades, produto de um desenvolvimento cultural, não surgem, no entanto, de um *insight* súbito de um indivíduo qualquer: é da cultura e para cultura que convergem às invenções da humanidade. Desse modo, a cultura se apresenta enquanto pressuposto da tecnologia, e deve assim ser entendida perante as transformações do aparato biológico humano por meio das próteses e dos objetos-instrumento que prolongam a capacidade do corpo.

Ao separar a noção de prótese da noção de prolongamento, não quero, contudo, opor um ao outro, mas tentar atrair a atenção para o desenvolvimento da cultura material e da manipulação técnica do homem não apenas no que diz respeito à ampliação direta das

*Estudante do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (FACOM/UFBA) e Mestre em Artes Visuais (UFBA). E-mail: andersonspaiva@hotmail.com – Autor.

**Estudante do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (FACOM/UFBA) e Bacharel em Desenho Industrial (UNEB). E-mail: milenaleite@hotmail.com – Co-Autora. Orientadora: Elizabete Actis de Souza – Escola de Belas Artes – UFBA.

capacidades do corpo, mas também como finalidade de busca do domínio da natureza. Assim tal discussão se apresenta sobre a manipulação do corpo por meio das próteses e sobre a manipulação da natureza por meio das ferramentas que ampliam e potencializam a capacidade física do homem.

ENTRE PRÓTESES E PROLONGAMENTOS

Na concepção de Barili, há uma forma de pensamento que parece se ajustar bem ao que pretendo explicar. Segundo este autor o homem teria produzido “próteses” durante todo seu desenvolvimento ao longo da história. Estas representariam acessórios criados para facilitar sua existência e suprir suas necessidades de um modo que abrangeria toda a dimensão da cultura material e não apenas as ditas “peças ortopédicas”. Barili chega então a estender a noção de prótese para além desse “vocábulo um pouco triste” (1995, p.18) encontrando em Santaella outra autora que trata das limitações deste mesmo vocábulo:

O significado dessa palavra ficou muito colado ao aspecto visível das extensões, idéia que pretendo evitar, visto que, cada vez mais, as extensões estão aderindo a fisicalidade de nossos corpos e habitando seus interiores, indicando uma tendência para se tornarem invisíveis e mesmo imperceptíveis (2004, p.54).

É esse tratamento das próteses como extensões ou prolongamentos do corpo que carece de uma maior definição, pois, enquanto as próteses se instauram no corpo para assumir determinadas funções de agenciamento, os outros instrumentos criados pelo homem assumem outras formas de interação. Assim, denomino como próteses os acessórios tecnológicos implantados na superfície ou interior do corpo para uma ampliação de sua performance, para suprir uma carência física-orgânica, como também aqueles objetos que reconfiguram a imagem do corpo em conjunto com as vestimentas. Já os prolongamentos seriam os objetos-instrumento manipulados diretamente pelo homem através de sua corporeidade para criar outros objetos. Estes seriam, ainda de acordo com a ótica de Barili, fruto de uma qualidade inventiva pois “o homem é aquele animal que prolonga as suas artes (mãos, pés) com objetos do mundo exterior” (1995, p.18). Sendo assim, por meio de necessidades e a partir da capacidade de criação e manipulação da matéria através do avanço técnico, o homem produz seus prolongamentos do corpo que correspondem ao seu repertório instrumental.

Prolongamentos seriam ainda, extensões do corpo para alcançar a natureza dos materiais e proporcionar a sobrevivência da espécie humana. Já o caráter protético estaria mais relacionado às alterações empreendidas diretamente sobre o corpo por meio da tecnologia. Desse modo acredito que uma linha da técnica surgiu dos prolongamentos até as próteses alavancando toda nossa cultura material para suprir a hierarquia das necessidades de Malinowski de acordo com a idéia de que o homem busca atender suas necessidades biológicas através da “intensificação instrumental da anatomia humana” (MELLO, 1987, p.100).

A arte, enquanto cultura material derivada da capacidade técnica que origina seu termo (*techn* – língua grega; *art* – língua latina) irrompe, contudo, para além dessa compreensão. Em Barili fica claro uma discussão desse conceito de cultura muito mais no âmbito material dos instrumentos criados pelo homem, ele reserva à técnica e ao experimentalismo o desenvolvimento destes instrumentos, destes prolongamentos, como que fixando o papel da arte como capacidade humana de transformação.

Não bastaria somente “assumir próteses, mas também a de as variar no tempo” (BARILI, 1995, p. 20). Desse modo tal autor propõe em sua visão sobre o “tecnomorfismo” um sentido primário de que os artistas devem se valer para o desenvolvimento mesmo da tecnologia. Seria a arte interagindo com a tecnologia através das “formas simbólicas” da época em questão, na proposição de novos aparatos da cultura material.

Esta relação entre arte, técnica e tecnologia, que tem sido analisada desde longa data, é fator marcante também da distinção entre homem e natureza, tão bem estudada pela antropologia. Através da técnica o homem interfere no ambiente com seus instrumentos “potencializadores de performance”, constituintes por si só daquilo que se delinaria como cultura material. Tais prolongamentos são, portanto, aqueles objetos técnico-instrumentais que, através de um tratamento estético, tornar-se-iam as artes indígenas, étnicas ou tribais. Entretanto, não é nosso objetivo aqui nos aprofundarmos na discussão sobre se seria um impulso estético ou impulso artístico o elemento motivador da transformação destes objetos, mas sim a de determinar seu modo de transformação da dimensão do corpo e conseqüentemente na cultura.

No que diz respeito ao desenvolvimento humano é a dimensão cultural da linguagem e da tecnologia que parecem nortear seus rumos e invenções. O homem sendo o único ser possuidor de cultura se vale disto para modificar o seu “equipamento superorgânico” em vez do seu “aparato biológico”. Ao contrário dos outros animais ele tem a possibilidade de interferir no ambiente de forma mais eficaz sem precisar imprimir transformações biológicas no corpo. Contudo, a relação entre corpo e ambiente tem sido apontada por teorias culturológicas como um dos grandes impulsionadores do desenvolvimento da capacidade inventiva humana uma vez que este teve de se valer da habilidade manual, do bipedismo e de uma visão estereoscópica para interferir de modo significativo na natureza (LARAIA, 2005, p.54-56). Estas transformações do corpo, que deram origem a nossa atual anatomia humana, ocorreram lentamente quando o homem já havia dado alguns passos em direção ao desenvolvimento cultural por meio da produção de simples objetos de caça (idem, p.57). Assim, há de se considerar que a relação homem-natureza que passou a se operar por meio do advento da cultura em seu sentido lato foi determinante para a constituição do homem enquanto corpo operante.

Trabalhando sua sobrevivência a partir da criação e manipulação de seus instrumentos, o homem foi capaz de por em prática o domínio sobre a natureza circundante. Desse modo, engrossou sua pele com o pêlo e couro de outros animais, ampliou seus braços com a projeção de lanças e tornou seus dedos afiados a partir das lascas de pedras. O desenvolvimento do homem é, pois, o desenvolvimento da técnica e da invenção. Como no dizer de Leslie e Spier: “Todas as ferramentas – produto da invenção – constituem essencialmente extensões do corpo: uma alavanca proporciona maior poder às mãos; um rifle permite golpear a distância” (*apud* MELLO, 1987, p. 100).

Contudo, ao se recordar o papel dos prolongamentos para o desenvolvimento humano, não se pode dar um destaque somente a técnica, mas também a corporeidade. Como trata Santaella, “o corpo e o mundo mudam com a disseminação das funções do corpo no espaço externo” (2004, p.56). Essa reconfiguração das dimensões do espaço do corpo perante a dimensão do espaço ambiente em que este se insere é, desse modo, um possibilitador de agenciamentos a partir das incorporações de novos materiais, tornando os instrumentos sempre operantes frente às necessidades que se apresentam. Assim chegamos a nossa proposição, por demasiado evidente, de “corpos mutantes, cultura dinâmica”. É a partir desta relação de corpo e cultura que o homem fabrica a si mesmo. De uma humanidade precoce até sua formação pela

postura ereta e pelo desenvolvimento do cérebro fomos tornando-nos seres culturais e transformando a natureza de acordo com nossas convicções. O corpo foi se transformando para depois transformar a natureza e por fim para transformar-se a si mesmo. Assim tem sido com o surgimento das novas tecnologias, da genética e da miniaturização com as nanotecnologias. Dos prolongamentos (instrumentos extensivos da capacidade física humana) as próteses, fomos dando saltos, tanto ao nível da capacidade de mudar o ambiente quanto de mudar a nós mesmos. De instrumentos manuais às máquinas autônomas e à robótica; de muletas às pernas mecânicas. Temos convivido cada vez mais com próteses que alteram o próprio sentido do que vem a ser o corpo; de quais seriam seus limites.

Edvaldo Couto afirma que “a construção do corpo, na atualidade, depende cada vez mais da incorporação de micro-máquinas” (1997, p. 127). Santaella, por sua vez, trata do corpo biocibernético hibridizado pelas tecnologias. Conceitos vêm surgindo e são debatidos de modo a dar conta destas transformações que a cultura imprime no corpo junto com os avanços científicos que favoreceram não um corpo com versão única, mas uma infinidade de corpos multifacetados e de outras tantas possibilidades de transformação. Pensando a respeito das próteses nesta conjuntura, fica inquestionável também a diversidade destas frente ao desenvolvimento do corpo em sua apropriação tecno-científica.

Assim, Maria Augusta Babo, segundo uma semiótica do corpo fundada no pensamento de Eco, tem listado o que seriam as próteses extensivas (da ação natural do corpo) e as próteses amplificativas (aumento da performance do corpo) daquelas tidas por próteses substitutivas (substituição de perda de membros) e próteses bióticas (união entre o biológico e o maquínico). A autora trata ainda da diferenciação entre “objetos-extensão” e “objetos-incisão”. Enquanto os objetos-extensão estariam mais ligados “à manipulação do meio ambiente e à sua inserção no mundo”, os objetos-incisão são aqueles que “simbolizam, organizam a função simbólica em torno do corpo, de modo a sociabilizá-lo, a integrá-lo nas grandes linhas de estruturação social”. Desse modo temos uma aproximação entre o aparato instrumental que aqui denominamos prolongamentos com os objetos-extensão segundo Babo, e um passo em direção as transformações da imagem do corpo por meio das marcações que a autora tem tratado por objetos-incisão.

Considerar as tatuagens e piercings (marcações) em uma leitura semiótica do corpo, certamente amplia a dimensão da sua interpretação, contudo, ao interpretá-los também como objetos de análise ao nível de próteses, passa-se a ter a inserção do domínio da moda e do vestuário. Sobre tal dimensão não é do nosso interesse tratar neste momento. Acredito que o mais importante na busca da relação das próteses com os prolongamentos perante o desenvolvimento do corpo e da cultura, seja a possibilidade de se estabelecer uma diferenciação capaz de separar as determinadas categorias destes objetos que se apresentam ora na superfície do corpo, ora no seu interior, com aqueles que se configuram simplesmente como instrumentos. A respeito disso Edvaldo Couto propõe uma divisão entre próteses externas que “se alojam sobre a pele e se transformam numa vestimenta do corpo” e próteses internas que são aquelas “implantadas cirurgicamente, que faz do corpo informatizado uma embalagem para os aparelhos” (1997, p. 128). Em sua abordagem ao corpo contemporâneo como em constante interação com as ditas próteses de comunicação das mídias, este autor refere-se também ao passo que atualmente se dá em direção a esta hibridização humana operada através da inserção de máquinas que processam informação, que potencializam e revigoram. Assim, haveria uma ótica do “corpo como embalagem” e a de um “corpo camaleônico”, um meta-corpo, como em Virílio, ampliado e transfigurado pelas máquinas:

Quando as aparelhagens se deslocam da superfície para o interior o corpo adquire uma nova função: passa a ser ele mesmo a embalagem das próteses. Não é mais a tecnologia que veste o corpo, ele é que passa a ser a vestimenta das máquinas. Dentro de cada órgão pode ser implantado um novo sistema, outras memórias adicionais, dispositivos superexcitantes. Tanto as tecnologias que se colam como as que recheiam a pele se tornam componentes do próprio corpo. Não mais objetos estranhos, artificiais, invasores, mas uma outra ‘natureza’ numa nova ‘realidade’ corporal” (COUTO, 1997, p. 134).

Diferente do caráter meramente instrumental dos prolongamentos, as próteses inscrevem-se no corpo de modo a reconfigurá-lo perante sua natureza interna, dando um novo sentido e produzindo relações das mais diversas, muitas vezes buscando suplantar a condição humana de envelhecimento e morte devido sua limitação perante um futuro cada vez mais inorgânico. Santaella, tratando de como seria este corpo transformado e operante busca na idéia do “biocibernético” um modo de dar conta destas projeções. Para a autora o “corpo protético”, aquele “corpo ciborgue, híbrido, corrigido e expandido através de próteses, construções artificiais, como substituto ou amplificação de funções orgânicas” (2004, p. 98), equivaleria a apenas a um dos tipos do corpo biocibernético. Santaella estabelece que paralelo a essa noção do “corpo biocibernético”, usado por ela para referir-se “a heterogeneidade do corpo hibridizado com as tecnologias” (idem, p. 56), haveria uma outra noção, a de “pós-humano”, que a mesma utiliza para referir-se “à atual necessidade de repensamento do humano na pluralidade de suas dimensões – molecular, corporal, psíquica, social, antropológica, filosófica, etc” (idem, ibidem).

Toda discussão contida nestas duas expressões busca comportar os novos desafios que se apresentam a essa humanidade inorgânica. As próteses seriam apenas parte de uma transformação que busca constituir um novo tipo de corpo; uma nova versão do que vem a ser o homem. Por meio das tecnologias, no entanto, podem-se operar não apenas transformações da proporção do corpo perante a materialidade, mas também sua expansão enquanto imagem. O limite do corpo manipulado pelas tecnologias passa a ser, desse modo, um desafio. Santaella propõe então duas direções para este corpo hibridizado: “a da tecnologia que é implantada no corpo orgânico” e a da “disseminação do corpo através de redes telemáticas” (2004, p. 76), tendo por sua vez, na intrusão da tecnologia do corpo, uma reconfiguração do seu espaço interno e de suas fronteiras com a exterioridade, e, na utilização de dispositivos tecnológicos fora ou na superfície do corpo, uma ramificação do mesmo no espaço externo (idem, ibidem). Aqui entram em evidência novamente as mídias de uma cultura cibernética ou “SuperCiber contemporânea” (COUTO, 1997, p.135) onde a dimensão do corpo humano flutua como informação.

Este é sem dúvida um dos aspectos mais notados pela simultaneidade da relação presença-ausência do corpo com sua imagem transportada, mas, tratando especificamente de relação entre próteses e prolongamentos, acredito que este modo de extensão nos apresenta outra via, longe desta discussão inicial.

CONCLUSÃO

Nesta breve análise do corpo por meio das invenções tecnológicas, gostaria de frisar que, o avanço da técnica e da capacidade intelectual humana foi a grande responsável pela seleção dos objetos que se apresentariam como produtores de novas instrumentalidades e de que tais instrumentos (prolongamentos) antecederam todo e qualquer elemento protético. No entanto não

se nega com isso o caráter instrumental do corpo, mas pretende-se lembrar que ele fabrica seu aparato instrumental que lhe reconfigura. Prolongamentos antecedem próteses que ampliam a dimensão do humano e o homem vai se transformando pela tecnologia que ele transforma, que ele inova. É um movimento crescente e contínuo onde o corpo marca a história do desenvolvimento humano. A cultura material e a cultura em sentido lato são qualidades da genialidade e ela tanto determina os avanços tecnológicos quando é determinada por estes, mas tudo isso é fruto de algo marcado no íntimo do homem onde se esconde o desejo de auto-projetar sempre adiante de sua condição atual. Essa dinâmica da cultura, por meio da capacidade de transformação que o homem opera na natureza e em si próprio, é no corpo o testemunho de que por mais que seja transformada sua imagem inicial, ainda assim persistirá a essência do que ele compreende ser humano: a possibilidade de inventar-se.

REFERENCIAS

BABO, Maria Augusta. **Para uma semiótica do corpo**, In Revista de Comunicação e Linguagens. O Campo da Semiótica, nº 29. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

BARILI, Renato. **Ciência da cultura e fenomenologia dos estilos**. Tradução Isabel Teresa Santos. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 13-28.

COUTO, Edvaldo Souza. **META-CORPO: da divisão à comunhão das peles**. In Textos de Cultura e Comunicação. Salvador, n.37/38, p.123 - 136, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.